

ASPECTOS ECONÔMICOS DO CAJUEIRO

Em 2010, o Brasil foi o sétimo maior produtor mundial de castanhas de caju, sendo que os líderes foram a Nigéria (650 mil toneladas), a Índia (613 mil toneladas), a Costa do Marfim (380 mil toneladas) e o Vietnã (290 mil toneladas) (FAO, 2012).

Em 2011, a área cultivada com cajueiros no

Brasil foi de 764 mil hectares, com produção de 231 mil toneladas de castanha (IBGE, 2012). Os principais estados produtores são o Ceará (112 mil toneladas), o Rio Grande do Norte (54 mil toneladas) e o Piauí (46 mil toneladas), os quais respondem por 92% da produção nacional. Destacam-se também os estados de Pernambuco, Maranhão e Bahia.

Nos últimos 20 anos, nota-se grande variação na quantidade de castanha produzida decorrente de problemas climáticos, associados à remuneração do produto. Além disso, a heterogeneidade dos pomares – em sua maioria, formados por mudas oriundas de sementes (pé franco) e com idade avançada das plantas (> 25 anos) –, é responsável pelas baixas produtividades registradas. Ademais, nos últimos anos, o ataque severo do oídio (*Oidium anacardii*) tem provocado a queda de produção.

Ao considerar os anos de clima normal, pode-se afirmar que a média brasileira de produção de castanha de caju oscila entre 220 e 240 mil toneladas (CONAB, 2012).

Evolução do cajueiro

Quando se compara os anos de 1990 e 2009, observa-se que a produção de castanha de caju teve uma elevação de 104,80%. Entretanto, na safra de 2010 verificou-se uma queda a níveis inferiores a 1990, decorrentes, principalmente, da ocorrência do oídio e da baixa pluviosidade (102 mil toneladas). Em 2011, ano chuvoso, a produção se recuperou, atingindo 231 mil toneladas e em 2012, ano seco e a safra ficou em 175,7 mil toneladas, o que significa uma redução de 22%, em relação a 2011.

No mesmo período de 20 anos, a área colhida no país passou de 583 mil para 764 mil hectares, um aumento de 31%. A partir de 2001, o plantio e a colheita de novas áreas vêm apresentando uma tendência de crescimento constante, com substituição dos velhos cajueiros-comuns pelos novos clones de cajueiro-anão-precoce.

A produtividade nacional, assim como a produ-

CAJU

BANCO DE IMAGENS KYRESP/ COMUNICAÇÃO

ção, têm oscilado com frequência nos últimos anos, sendo considerada uma das mais baixas do mundo. Em 2010, observou-se uma queda drástica na produtividade de castanha, atribuída em grande parte ao clima seco (déficit hídrico elevado), que prejudicou mais intensamente os plantios de cajueiro-comum, por sementes. Esse fato tem sido responsável pelo aumento gradativo da participação do cajueiro-anão-precoce e, por isso, este último vem aumentando sua participação na cajucultura cearense a cada ano.

Comercialização

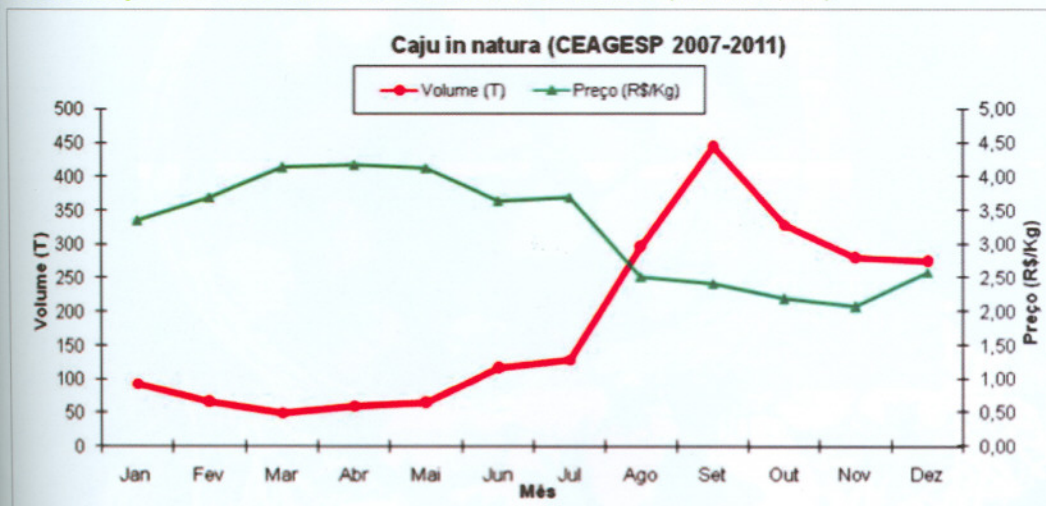
O maior volume de caju in natura comercializado na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), principal central de abastecimento do país, ocorre no período de safra da região Nordeste. Os preços do produto acompanham inversamente o volume ofertado, tendo índices máximos na entressafra da cultura entre março e maio.

Devido às baixas produtividades dos últimos anos, os preços se elevaram em 2011, fato que beneficiou, em parte, os produtores. Entretanto, por causa da falta de oferta decorrente das quedas na produção, as indústrias brasileiras recentemente passaram a importar castanha de caju do continente africano.

O segmento industrial da cajucultura brasileira tem, atualmente, uma capacidade instalada de processamento de castanha de caju em torno de 420 mil toneladas/ano, com 12 indústrias de grande porte e minifábricas instaladas nos locais de produção. A estimativa de geração de empregos nesse setor é de 25 mil pessoas (CONAB, 2012).

GRÁFICO 01

VOLUME E PREÇO MÉDIO DO CAJU IN NATURA COMERCIALIZADO NA CEAGESP (AGRIANUAL, 2012).



“ Os principais produtores nacionais de caju são o Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, que respondem por 92% da produção brasileira ”

As exportações de Amêndoa da Castanha de Caju (ACC), de 2007 a 2011, ficaram entre 35 a 51 mil toneladas (AGRIANUAL, 2012), sendo a ACC considerada um dos principais produtos na pauta de exportações dos estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Entretanto, segundo a Conab (2012), houve forte retração nas exportações nos anos de 2008 a 2011, devido à crise econômica e financeira mundial que afetou o comércio de produtos em todo o mundo e à forte quebra da safra de castanha no Brasil, haja vista as adversidades de clima na região Nordeste do país. Os EUA, principais importadores que adquirem, em média, cerca de 60% de toda a ACC exportada pelo Brasil, reduziram as compras em aproximadamente 50%. Atualmente, a comercialização está sendo feita em bases equivalentes a US\$ 3,34/Lb.

Fonte: Luiz Augusto Lopes Serrano, Francisco das Chagas Vidal Neto e Dheyne Silva Melo

Pesquisadores da Embrapa Agroindústria Tropical
luiz.serrano@embrapa.br